



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

Análise semiótica da leitura documental no processo de indexação de assunto

Luciana Beatriz Piovezan

Como citar: PIOVEZAN, L. B. Análise semiótica da leitura documental no processo de indexação de assunto. *In:* FUJITA, M. S. L.; NEVES, D. A. de B.; DAL'EVEDOVE, P. R. (org.). **Leitura documentária:** estudos avançados para a indexação. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017. p. 241-262.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2017.978-85-7983-917-7.p241-262>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

ANÁLISE SEMIÓTICA DA LEITURA DOCUMENTAL NO PROCESSO DE INDEXAÇÃO DE ASSUNTO

Luciana Beatriz Piovezan

1 INTRODUÇÃO

A leitura em Biblioteconomia possui papel importante na atuação profissional, dado que o tratamento que recebem os documentos, com vistas à disponibilização para acesso e uso, necessita da leitura para ser realizado. Desse modo, a leitura insere-se em diversas atividades realizadas em unidades de informação, tais como, a catalogação, a elaboração de resumos, a classificação e a indexação. A leitura é fundamental para as atividades de tratamento temático da informação documental, em especial para a indexação, por causa da necessidade de representação do conteúdo temático dos documentos.

Em Unidades de Informação existem diversas tipologias documentais – livros, revistas, filmes, álbuns musicais, entre tantos outros – em diversos suportes físicos, todos requerendo do profissional tratamento adequado. Aqui, entretanto, abordaremos as questões referentes à leitura para tratamento de documentos textuais, que apresentam linguagem escrita. Estas reflexões referem-se principalmente a livros e artigos, ambos de caráter científico.

As interseções entre a semiótica peirceana e a organização da informação, especialmente no que tange à indexação, têm sido abordadas na literatura recente de Ciência da Informação, como por exemplo, em

Souza e Almeida (2012) que abordou a relação da semiótica e da indexação, ressaltando as questões da representação e do referente; em Redígolo e Almeida (2012) onde se encontra um estudo da análise de assunto por meio da semiótica de Peirce abordando os conceitos de hábito, experiência, representação e destacando também os tipos de signos que a análise de assunto faz surgir. Do mesmo modo, encontramos em Dal'Evedove, Almeida e Fujita (2013) uma análise do processo de indexação que o vislumbra como um processo semioticamente estruturado, dado que se faz por meio da interpretação; ainda em Almeida; Fujita e Reis (2013) os autores procurar tratar a relação da indexação com o segundo ramo da Semiótica, a Lógica Pura, argumentando que a indexação é um processo inferencial por considerar a interação entre tipos diversos de signo neste processo com intenção de representação da informação.

Percebemos que estes trabalhos anteriores tangenciam a questão da leitura documental, apresentando-a ora implícita (cf. SOUZA; ALMEIDA, 2012) ora explicitamente (cf. REDÍGOLO; ALMEIDA, 2012; ALMEIDA; FUJITA; REIS, 2013), porém sem efetivamente oferecer subsídios para sua compreensão. Suscitados, também, por essa vacância literária, neste trabalho pretendemos abordar a possibilidade de compreensão da leitura documental meio da perspectiva semiótica de Peirce. Para traçar este caminho, iniciaremos expondo os principais aspectos da leitura documental, apresentaremos a semiótica peirceana, abordando as principais contribuições destes estudos para a compreensão das questões informacionais e, em seguida, serão expostas as contribuições identificadas no estudo da Semiótica para a compreensão da leitura documental.

2 ASPECTOS RELATIVOS À LEITURA

Passaremos a apresentação das questões relativas à leitura documental, iniciando pela exposição do processo de leitura, como percebido pelos modelos ascendente, descendente e interativo, de modo que poderemos passar ao entendimento da leitura documental ou leitura para a realização dos procedimentos de representação de assunto, compreendida como integrante do processo de indexação.

As primeiras concepções sobre a leitura a descrevem como a decodificação de um código, a escrita, sendo necessário ao leitor apenas a habilidade técnica de identificar os caracteres e sua relação linear entre letras, palavras, frases e textos, não fazendo menção à relação entre o leitor com o texto para adiante disso. Esta noção de leitura parece estar relacionada à perspectiva semiológica no que diz respeito à visão estruturalista da linguagem.

Essa perspectiva linear sobre a leitura é compreendida dentro do modelo ascendente de leitura – *bottom up* ou modelo serial de Gough (FUJITA; NARDI; FAGUNDES, 2003). Neste modelo centrado no texto, se considera que o leitor realiza um processo ascendente e sequencial de identificação e retirada do significado do texto para sua apreensão, partindo das partes para seu todo e realizando processos indutivos em que recebe o significado do texto.

Em contrapartida, o modelo descendente de leitura – modelo *top down*, oferece uma perspectiva na qual o leitor é o centro do modelo e, ao ler, realiza processos dedutivos partindo das unidades significativas do texto e relacionando-as com seus conhecimentos prévios para elaborar hipóteses e verificá-las no texto. A compreensão do texto, neste caso, é permitida pela introdução de conhecimento extralinguístico, de modo que o leitor não necessita de todos dados presentes no texto.

No presente momento, os pressupostos acerca da leitura englobam questões mais complexas e humanísticas, ressaltando o envolvimento cognitivo do leitor. A leitura, assim, é aceita como um processo de interação entre o conhecimento prévio do leitor com o conteúdo do texto para construção dos sentidos do texto (NEVES; RAMALHO; FIGUEIREDO, 2008). Essa perspectiva voltada à compreensão da leitura implica em que o significado do texto é construído pelo leitor de modo relacional, pois o texto escrito oferece diferentes possibilidades interpretativas.

Essa concepção de leitura é aceita no modelo denominado interativo, no qual se entende que os processos descritos pelos modelos ascendente e descendente são mais do que inversos, são complementares (FUJITA, 2004). A leitura, assim entendida, compreende procedimentos coordenados que incluem operações cognitivas, linguísticas e de percepção

visual que induzirão à compreensão do texto e da reconstrução de seu conteúdo pelo leitor.

Essa perspectiva interacionista compreende, portanto que “o sentido não precede o texto, não está nele depositado, nem é uma proposição pronta, acabada. É no texto sim, mas através do ato de leitura que se produzem os sentidos” (DUMONT, 2006, p. 12). De modo que para esta compreensão, o leitor deve ativar modelos mentais apreendidos em sua vivência pessoal para tornar a leitura um processo ativo.

A presença dos esquemas – “[...] estruturas cognitivas que dizem respeito ao conjunto de conhecimentos armazenados em sequência temporal ou causal, nos quais são mantidos os conjuntos de características dos objetos e seres que nos rodeiam” (NEVES, 2007, p. 3) – do leitor permite que ele vá criando hipóteses com base em inferências sobre o texto e, caso as confirme, estas são mantidas e mais desenvolvidas e, caso não possa confirmar suas hipóteses, o leitor as descarta e constrói novas hipóteses com base nos dados apreendidos do texto, alternando entre os processos ascendente e descendente.

A leitura é entendida, desse modo, como um ato interativo, dependente de suas variáveis, sendo elas, leitor e texto, assim como do contexto de leitura. Tais variáveis estão sujeitas a diversas condições que influenciam o processo de leitura (FUJITA, 2004). Nesse sentido, Neves (2007, p. 2) define a leitura de um texto como uma atividade cognitiva que

[...] é também um processo interativo, em que o leitor e o autor se relacionam mutuamente, sendo o texto o agente desta vinculação. O autor, quando produz o texto, estabelece uma coerência textual que é recuperada no momento da leitura. A reconstituição da coerência de um texto depende de processos cognitivos construídos pelo leitor/ usuário para sua compreensão.

Entendemos que a leitura é, portanto, uma prática social, relacionada a aspectos culturais envolvidos no cotidiano da sociedade, permitindo o compartilhamento de informação. Da mesma maneira a leitura é uma atividade subjetiva, que envolve aspectos cognitivos e emocionais relativos ao indivíduo leitor para construção do sentido de um texto. Assim como, a leitura é também, a principal forma de aces-

so ao conteúdo documental majoritariamente composto de documentos bibliográficos.

A leitura documental realizada pelo bibliotecário é a fase inicial do processo de tratamento dos documentos para sua inclusão em um sistema de informação e tem por finalidade a identificação de conceitos representativos do conteúdo temático do documento para sua representação. Moura (2006) lembra que este procedimento ativa outros dois, a análise de assunto e a indexação, e busca recompor a informação potencial do documento.

De acordo com Moura (2006) as práticas de leitura do bibliotecário podem levar a dois tipos de apropriação textual, a apropriação terminológica e a apropriação conceitual. A primeira se refere a uma assimilação por parte do bibliotecário dos termos recorrentes na sua área de atuação, porém sem compreender as relações teóricas, conceituais e metodológicas existentes. Já a segunda se refere à assimilação consciente dos conceitos e das relações conceituais existentes na área de conhecimento, realizando as atividades de organização do conhecimento de forma mais significativa e mais benéfica ao sistema e seus usuários.

Para que a leitura documental propicie a apropriação conceitual, consciente e significativa é necessário ao bibliotecário que tenha “[...] condições específicas como conhecimento prévio e de mundo, instrumentos, estratégias, e conhecimento de estruturas e tipos textuais e suas características” (REDÍGOLO; FUJITA, 2015, p. 357).

Dessa forma propõe-se que o bibliotecário seja visto como um elemento a ser considerado no estudo de metodologias de indexação, sendo o objetivo principal da formação do profissional atuante no tratamento temático “formá-lo ou capacitá-lo para uma leitura profissional, onde seus objetivos profissionais sobrepõem-se aos objetivos pessoais de leitor” (REDÍGOLO, 2007, p. 5).

Isto porque é impossível para profissionais de informação realizar a leitura do texto completo de todos os documentos que se apresentam para sua análise, por questões de operacionalização do trabalho. Desta forma, para uma melhor exploração textual, é necessário ao leitor profissional o conhecimento prévio de superestruturas ou esquemas textuais, as estru-

turas textuais de diferentes tipologias documentais, e a adoção de uma metodologia de abordagem ao documento, de maneira a permitir o alcance dos objetivos de leitura documental.

Em ambientes informacionais, o processo de indexação acontece em dois momentos, durante a inserção de um documento no sistema de informação e quando o sistema recebe um pedido de informação, em ambas as situações, tem por objetivo identificar a necessidade informacional do usuário. E não é excessivo ressaltar que a importância da leitura documental é devida a que a representação errônea ou incompleta dos documentos no processo de indexação irá refletir na qualidade da recuperação da informação e, portanto, na qualidade dos sistemas de recuperação de informação (MAI, 2001).

Gil Leiva (1999) observou a presença na literatura de biblioteconomia e ciência da informação de distintas definições para a indexação. Em geral tais definições procuram com maior ou menor completude caracterizar a indexação como um processo de análise, condensação e representação de conteúdos documentais. Tais operações são entendidas como etapas do processo de indexação.

Compreendendo, então, a indexação como um processo que possui três etapas – a determinação do conteúdo temático de um item, a análise conceitual para decidir quais aspectos de um item devem ser representados no registro bibliográfico e a tradução dos conceitos ou aspectos em um vocabulário controlado (OLSON; BOLL, 2001, p. 87), percebe-se que a leitura documental perpassa e possibilita esse processo, viabilizando a análise de assunto.

Deste modo, de acordo com Fujita (2013) existem dois momentos principais na leitura documental, sendo estes, a *identificação de conceitos* e a *seleção de conceitos* representativos do documento analisado. No primeiro momento, a identificação de conceitos, o bibliotecário realiza um exame lógico do texto de modo a selecionar conceitos representativos de seu conteúdo (FUJITA, 2003). Nesta fase, o bibliotecário realizará a determinação da tematicidade intrínseca do documento, a determinação de seu assunto mais significativo atendendo a composição do autor (FUJITA, 2013).

O segundo momento durante a leitura documental é a *seleção de conceitos*, onde o profissional considera os objetivos de leitura documental, seus interesses profissionais de leitura, realizando a determinação da tematicidade do documento, a representação do assunto mais significativo mais relevante ao contexto do usuário para o qual o documento se destina (FUJITA, 2013). Desta forma, é possível que conceitos identificados na primeira etapa não sejam selecionados para representar o conteúdo temático do documento.

Fujita (2013, p. 47) considera assim, que a análise de assunto consiste de quatro fases “a) determinação da tematicidade intrínseca, b) identificação de conceitos, c) seleção de conceitos e, d) determinação da tematicidade extrínseca”.

Para a realização da leitura documental o bibliotecário irá ativar seu conhecimento prévio, composto por entidades tanto linguísticas quanto conceituais e que pode ser linguístico, textual, conhecimento de mundo e profissional, e suas estratégias de leitura.

Tais estratégias se dividem em dois grupos, as cognitivas, que se tratam de comportamentos inconscientes em uma leitura fluida e as metacognitivas, comportamentos conscientes do leitor em relação ao modo com que realiza a leitura. Quanto menos estratégias metacognitivas sejam exigidas pelo texto, mais fácil será a leitura, em contrapartida, a leitura metacognitiva conduz a maior compreensão do texto (NEVES, 2011).

Redígolo e Fujita (2015, p. 365) destacam ainda que “as estratégias metacognitivas demonstram que o leitor tem consciência dos objetivos da leitura e utiliza-se de alguns artifícios para realiza-la da melhor maneira, tentando superar suas dificuldades e explorando seus conhecimentos”.

É em razão do objetivo já citado da indexação, identificar a necessidade de informação do usuário de modo a permitir a recuperação por assunto, que a indexação deve ser uma atividade personalizada, como afirma Lancaster (2004), para que a indexação ajuste-se com precisão aos interesses do grupo de usuários. O mesmo autor lembra a concordância de Hjørland (2001) quanto a essa questão, ao afirmar que “Uma vez que qualquer documento pode, em princípio, proporcionar respostas a uma infinidade de questões, as análises de assuntos devem estabelecer priorida-

des baseadas nos grupos de usuários específicos atendidos” (HJØRLAND, 2001, p. 776).

Hjørland (2001) definiu o assunto de um documento como as potencialidades epistemológicas (ou informativas) do documento. Adotaremos, apoiados no autor mencionado, esta noção de assunto enquanto potencial informativo de um documento.

Buscamos, portanto, a compreensão da filosofia Peirceana para refletir sobre a leitura profissional em indexação para representação do conteúdo temático de documentos.

3 A SEMIÓTICA DE PEIRCE

De modo sucinto, a semiótica deriva do exercício filosófico de Charles Sanders Peirce para compreender a realidade. Por meio da abstração sobre significado e linguagem, Peirce propõe o estudo do signo enquanto elemento triádico, composto por representamen, objeto e interpretante, em oposição à compreensão binária proposta por Ferdinand de Saussure. Tendo como fundamento a ideia de que a interpretação, que ele denomina semiose, é que cria o signo, o autor defende que qualquer coisa pode ser um signo, contanto que cause um efeito interpretativo em uma mente científica. Desta forma, a teoria de Peirce não se atém a linguagem verbal, como faz a teoria saussuriana, mas trata de como os significados são atribuídos aos signos em um sentido amplo.

Um dos conceitos centrais no quadro conceitual proposto por Peirce, semiose vem a ser o processo de construir significados por meio de signos:

É importante que se entenda o que quero significar por semiose [...] uma ação, ou influência, que é, ou envolve, uma cooperação de três sujeitos, tais como um signo, seu objeto, e seu interpretante, essa tríplice relativa influência não sendo de modo algum resolúvel em ações entre pares. {Sémeiösis} em grego do período romano, desde o tempo de Cícero, se relembro bem, significa a ação de qualquer espécie de signo; e minha definição confere a qualquer coisa que assim atue o título de um “signo” (PEIRCE, 1980 p. 133-134).

Podemos, então, afirmar que o signo está para algo que interpreto como sendo análogo à minha memória daquele algo.

No processo de interpretação, Peirce distingue, principalmente, três tipos de interpretantes que são produzidos pela semiose, o interpretante imediato, o interpretante dinâmico e o interpretante final. O Interpretante Imediato pode ser compreendido como o interpretante representado no signo, assim o Interpretante Dinâmico seria o efeito de fato produzido na mente pela ação do signo e o Interpretante Final seria o objetivo de toda semiose, o propósito a ser alcançado por meio do desenvolvimento do pensamento (PEIRCE, 2005, p. 168-169).

Conforme expõe Lara, o interpretante “[...] também depende necessariamente do domínio, do discurso, das condições de enunciação e da experiência colateral do receptor” (LARA, 2004, p. 235-236).

Quanto ao objeto do signo, Peirce apresenta-os em dois tipos, Objeto Imediato, o objeto do modo como representado no signo, e Objeto Dinâmico, o referente em si, elemento indicado pelo signo. Em sua tentativa de fazer compreender tal distinção, o autor lembra que “O signo pode apenas representar o Objeto e referir-se a ele. Não pode proporcionar familiaridade ou reconhecimento desse Objeto [...] ele pressupõe uma familiaridade com algo a fim de veicular alguma informação ulterior sobre esse algo” (PEIRCE, 2010, p. 47). Para compreender o que é o Objeto Dinâmico não basta a experiência mediada pelo signo, faz-se necessária a existência da experiência colateral, ou seja, conhecer o objeto em si, para além do signo que o representa.

Para Lara (1993, p. 225) também a construção do significado está relacionada à experiência colateral, de modo que, “se essa experiência ensinou ao seu intérprete o que é determinada coisa, ou o que determinada palavra significa em uma dada sentença, sua interpretação será diferenciada”. O objeto determina o signo, de maneira geral, e o interpretante de forma mais específica, e sendo assim, a experiência tida com o objeto é também determinante para a construção do interpretante. Como afirma Peirce (2010, p. 168, *destaques do autor*) “[...] o Signo não pode exprimir, ele pode apenas *indicar*, deixando ao intérprete a tarefa de descobri-lo por *experiência colateral*”.

Para Peirce a função mais perceptível do pensamento é atingir um estado que ele denomina de crença, esse estado é a etapa final de um processo sistêmico que advém de uma perturbação que causa um estímulo - a dúvida, ou seja, a ação do pensamento inicia-se com o confronto com a dúvida e cessa ao chegar à crença.

Convém estabelecer que em Peirce (1975, p. 77) a crença “é a indicação mais ou menos segura de se ter estabelecido em nossa natureza uma tendência que determinará nossas ações. A dúvida nunca se acompanha de tal efeito”. A crença possui três características “Primeiro é algo de que estamos cientes; segundo, aplaca a irritação da dúvida; e, terceiro, envolve o surgimento, em nossa natureza, de uma regra de ação, ou, digamos com brevidade, o surgimento de um *hábito*” (PEIRCE, 1975, p. 56).

Já a função final do pensamento seria a de construir hábitos de agir, os hábitos tem como função produzirem resultados sensíveis, portanto os hábitos seriam um modo de agir em uma dada circunstância para alcançar um determinado resultado desejado. Este modo de agir não deve ser definitivo, mas será sempre questionado pelo surgimento de dúvidas.

Para Peirce (2010, p. 48) toda esta construção está relacionada à existência de conhecimento prévio, pois em sua teoria, o autor deixa claro que a apreensão dos significados não é possível sem a determinação de sua relação com o Objeto, ou seja, se o indivíduo não conhece nada sobre o Objeto não há o que possa ser explicitado sobre ele que irá ser apreendido.

Desse modo, embasados pela teoria peirceana, acreditamos que profissionais de informação criam hábitos de agir que guiam a sua leitura profissional, levando a que se utilizem de estratégias de leitura cognitivas e metacognitivas para identificação e seleção de assuntos que tenham pertinência quanto ao texto e sejam potencialmente informativos aos usuários.

4 METODOLOGIA

Para a realização deste estudo foi utilizada a técnica introspectiva de coleta de dados do Protocolo Verbal Individual durante a tarefa de catalogação de assuntos de livros.

A técnica de coleta de dados introspectiva denominada “Protocolo Verbal” consiste na gravação da exteriorização verbal do pensamento de um ou mais indivíduos durante a realização de uma tarefa. O *pensar alto* do sujeito é gravado e transcrito literalmente. No caso do leitor, ele pode exteriorizar seus processos mentais enquanto a informação processada está sob o foco de sua atenção. Ele lê e interpreta ao mesmo tempo, exteriorizando em voz alta tudo o que passa pela sua cabeça durante a leitura (FUJITA, NARDI, FAGUNDES, 2003).

O Protocolo Verbal Individual é uma metodologia útil para a consecução do objetivo desta análise por se tratar de uma técnica introspectiva que permite a observação do processo de leitura, porque o leitor verbaliza o conhecimento processual que possui para o desenvolvimento da atividade, realizando uma leitura consciente. Como também foi exposto por Tartarotti, Dal’Evedove e Fujita (2017, p. 44)

A introspecção é considerada um evento mental, por definição. Ato pelo qual o sujeito observa os conteúdos de seus processos mentais, assumindo consciência deles. Muitos são os conteúdos mentais passíveis de introspecção, dentre os quais, e de interesse para a pesquisa, figuram o conteúdo do pensamento (conceitos, raciocínios, associações de ideias etc.).

Os dados utilizados para a análise são provenientes de coletas de dados realizadas por pesquisadores participantes do projeto de pesquisa “O contexto da leitura documentária de indexadores de bibliotecas universitárias em perspectiva sócio-cognitiva para a investigação de estratégias de ensino”, coordenado pela Profa. Mariângela Spotti Lopes Fujita no período de 2007-2010. Estes dados foram obtidos com o consentimento da coordenadora do projeto e foram analisados com base no interesse desta pesquisa.

As coletas de dados foram realizadas na Rede UNESP de bibliotecas com os catalogadores responsáveis pelas atividades de catalogação e indexação. Para melhor aproveitamento dos dados, foram selecionadas as coletas referentes à tarefa de Catalogação Original, quando não há registro bibliográfico daquela obra na base de dados bibliográficos ATHENA ou

em bases servidoras, deste modo, o catalogador deverá fazer a catalogação em primeira mão e, portanto, a leitura para análise de assunto da obra.

A coleta de dados com Protocolo Verbal Individual abrange três grupos de procedimentos:

1) Procedimentos anteriores à coleta de dados

- a. Definição do universo da pesquisa;
- b. Seleção do Texto-Base;
- c. Definição da tarefa;
- d. Seleção dos sujeitos;
- e. Conversa informal com os sujeitos;
- f. Familiarização com a tarefa do “*Think Aloud*”.

2) Procedimentos durante a coleta de dados

- a. Gravação do “Pensar Alto” durante a leitura do texto-base.
- b. Entrevista retrospectiva (optativa).

3) Procedimentos posteriores à coleta de dados

- a. Transcrição literal das gravações das falas dos sujeitos (Protocolo Verbal Individual);
- b. Leitura detalhada dos dados em busca de fenômenos significativos e recorrentes para construir categorias de análise;
- c. Construção das categorias;
- d. Volta aos dados para retirar trechos da discussão que exemplifiquem cada fenômeno, cada categoria.

Por se tratar de uma pesquisa com reutilização de dados coletados em âmbito de outro estudo, os procedimentos realizados tratam-se dos itens “c” e “d” dos procedimentos posteriores à coleta de dados.

As categorias de análise, selecionadas com base nos estudos teóricos, foram:

- Semiose – Interpretação
- Níveis de interpretante
- Experiência colateral
- Estado de dúvida/crença
- Hábito/mudança de hábito

Em seguida passaremos a exposição dos resultados de nossa análise.

5 COMPREENSÃO DA LEITURA DOCUMENTAL A PARTIR DA SEMIÓTICA PEIRCEANA: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em seguida iremos explorar algumas das intersecções possíveis entre a teoria semiótica proposta por Peirce e a leitura documental em Ciência da Informação, com base na análise dos protocolos verbais. Apresentaremos nossos resultados nas categorias de análises definidas previamente.

- Semiose

Para a realização da indexação é necessário que o profissional da informação compreenda o texto que está sob seu exame, pois, só assim a identificação e seleção de conceitos serão bem feitas. Não será possível tornar explícito o conteúdo do texto sem compreensão do mesmo por meio da leitura (FUJITA, 2003).

Catalogador:

“Essa formação nesse sentido contempla compreensão de que a decisão de que a decisão sobre os fundos das escolas é coletiva e é responsabilidade de todos, então “educação administração”, “administração escolar”, “formação de professores” e “gestores educacionais”. Gestores administradores primeiro”

No trecho destacado da fala do sujeito, percebe-se que o bibliotecário catalogador enquanto lê o texto, procede à identificação dos conceitos que considera importantes para o conteúdo do livro, destacadas entre aspas, inclusive estabelecendo uma ordem de prioridade. Este procedimento é feito pela interpretação do conteúdo lido do documento.

Aludindo à teoria semiótica de Peirce é possível compreender o processo de desconstrução do texto inicial, ou de interpretação, como o processo de geração de significado pela mente, por meio do qual o signo é construído. A esse processo Peirce nomeia como “semiose” o processo de construir significados por meio de signos.

Nesse sentido, o próprio texto analisado, o documento que será indexado, é um signo. É uma composição de significado construída por alguém, o autor, para representar uma parcela do mundo que por ele foi interpretada, e que irá, da mesma forma, gerar uma nova composição de significado, na mente do leitor, distinta da primeira, que gerou o documento. Essa nova composição será apenas o efeito produzido pelo signo na mente intérprete, um novo interpretante.

Toda interpretação é, assim, um tipo de modificação do *representamen* observado em um novo interpretante. Podemos considerar que a interpretação é dependente das características emocionais, contextuais, de limitações cognitivas e de objetivos de leitura. Não há garantias de que dois leitores, diante de um mesmo texto, obterão a mesma interpretação, como afirma também Silveira (2007, p. 50) “nada garante que haverá um dia uma interpretação definitiva, nem que somente venha a haver uma única interpretação” (2007, p. 50).

– Níveis de interpretante

É na constatação das diferentes possibilidades interpretativas que reside o principal problema da leitura documental. Como interpretar o texto de um documento para levantar o seu conteúdo principal de forma que este conteúdo, ou o signo que o representará, seja indicador ao usuário do assunto do documento, ou em outras palavras, como agir de modo que a interpretação do profissional de informação assemelhe-se àquela que o próprio usuário faria.

Catalogador

“Eu tenho que ver que público que vai usar, quem vai ser o consumidor desse material”

“então a gente já tem, procura indicar alguma coisa que o nosso usuário tenha familiaridade”

“Um exemplo assim típico disso é “educação matemática” que dentro da pedagogia tem um professor que estuda educação matemática”

“Mas vê-se na área que é uma forma usual de chamar. Então o catálogo tem que se adequar a terminologia e não o pesquisador tem que se adequar ao cabeçalho, porque o objetivo dele é chegar ao material.”

Nos trechos destacados, podemos perceber que o bibliotecário catalogador procura se atentar para a demanda possível que o livro catalogado irá atender, tentando compreender o que será de interesse para o usuário, inclusive recobrando exemplos passados de interação com a comunidade.

O leitor profissional busca em sua estrutura cognitiva ferramentas para ajudá-lo na compreensão dos textos que se colocam sob sua análise, de modo que possa gerar outro texto em sua mente, decorrente da interpretação do primeiro texto. Esse produto gerado em sua mente será, no processo de indexação, reavaliado pelo profissional de informação e o produto dessa nova análise, traduzido em termos de uma linguagem de indexação, será o descritor de assunto para o documento.

- Experiência colateral

Catalogador

“Para esse assunto ele manda ver matemática estudo ensino, mas se eu fosse classificar em matemática estudo ensino seria 51-07 pela CDU e não e isso que ele quer, ele quer a educação matemática ele quer Educação”

“Organização escolar é uma remissiva no BIBLIODATA. Então ele vai mostrar qual a forma adotada. Ele manda ver “Escolas organização e administração”, tudo bem, então toda vez que eu usar “Organização escolar”, que é a forma que eu chamei, ele manda ver “Escolas organização e administração.””

“Eu atualizo o meu, ((ASD)) Gestão educacional. Porque quem está escrevendo é que pode determinar a maneira como os pares/ Gestão educacional ele sugere. [...] Gestão escolar. Qual seria a diferença? Não sei.”

“Gestão escolar, é a maneira como eles se comunicam, que eu não estou inventando nada, estou seguindo o que outras bibliotecas fazem. Agora em outros casos a gente pega a gente não estaria inventando a gente estaria acatando a opinião de especialistas”

Podemos observar nos trechos em destaque que o bibliotecário catalogador se apoia em seu conhecimento da linguagem, conhecimento prévio profissional, para determinar se a interpretação que fez do documento é relevante e pode relacionar-se com a demanda usuária. O catalogador também manifesta não ter certeza quanto aos termos que melhor representam os conceitos identificados no documento, buscando a terminologia aplicada em outros catálogos.

Quando dissemos que o indexador desconhece a área de assunto especializada, em termos semióticos, o que estamos a sugerir é que o profissional desconhece o referente ao qual o signo procura representar.

Embora tenha contato com o signo, não teve a experiência colateral com o Objeto Dinâmico, desconhece suas propriedades e suas idiossincrasias. Se aceitamos que a compreensão necessita de conhecimentos prévios do intérprete para se realizar, entendemos que a semiose proveniente dessa relação apresentará limites, pois o indexador não tem conhecimento prévio da área específica tal como possui o usuário especialista no domínio.

Souza e Almeida (2012) lembram que a experiência colateral do indexador pode ir sendo construída com o tempo, na forma de experiência profissional, utilizando-se de linguagens de indexação como referentes, processo observado no trecho destacado do Protocolo Verbal. A linguagem de indexação, instrumento que, se propõe a conhecer e tornar explícitos os significados atribuídos a determinados signos em um domínio, servirá ao indexador de contexto para a interpretação do signo/documento e, dessa forma, apenas constrói uma sugestão de referente.

– Estado de dúvida/crença

Compreendemos que o leitor profissional passa do estado de dúvida ao estado de crença constantemente durante a leitura, e para deixar o estado de dúvida o profissional aciona uma ou mais das estratégias de

leitura mencionadas anteriormente, no intuito de solucionar a dificuldade encontrada e retornar ao estado de crença.

Catalogador

“Agora vou ler a última capa para ver porque aqui tem mais a ver com formação de professores e administração escolar do que com história.”

“olha “administração escolar” a palavra bastante repetida”

“esse livro, vamos ver ele já está falando do objetivo deles (---) discorre sobre gestão pedagógica”

No trecho destacado é possível observar que o bibliotecário catalogador faz uso de estratégias de leitura para atingir o objetivo da indexação, ao direcionar sua atenção a um determinado elemento do livro, no caso a última capa, ao buscar a frequência em que determinadas palavras são usadas no texto, assim como, quando aumenta seu nível de atenção ao perceber que se trata de uma passagem relevante para a compreensão do assunto do livro, no caso o objetivo do estudo.

A alternância entre o estado de dúvida e a crença, alcançada por meio de uma determinada ação de pensamento, leva o bibliotecário a ter esta ação como um procedimento que pode ser repetido quando em situação de dúvida semelhante, o que Peirce denominou como a construção de um hábito de agir.

As estratégias que mencionamos têm por objetivo, em uma análise semiótica, colaborar com o indexador para que sua interpretação construa um interpretante que se assemelhe àquele que o usuário poderia alcançar, dado que em razão de seu conhecimento prévio da área temática, o usuário possui condições interpretativas diversas das que possui o indexador.

As estratégias são potencialmente conscientes e, em geral se direcionam a solução de um problema. Tais estratégias podem oferecer ao indexador a perspectiva do sistema de informação, uma forma de direcionar sua leitura para a busca de uma interpretação coerente com a demanda, condições para monitorar se a leitura está atingindo seu objetivo e se há compreensão, conhecimento e segmentação do texto de modo a atentar para áreas e aspectos principais e, para a correção de suas ações, se necessário (NEVES; 2011; REDÍGOLO; FUJITA, 2015).

Observando as estratégias de leitura mencionas sob a ótica da filosofia peirceana, podemos compreendê-las enquanto hábitos de agir adquiridos para conduzir a leitura profissional. Hábitos em Peirce são tendências inatas ou adquiridas para ter condutas semelhantes diante de situações semelhantes, em outras palavras “O que nos leva a, dadas certas premissas, retirar esta ou aquela inferência é uma tendência de espírito, seja ela constitucional ou adquirida” (PEIRCE, 1975, p. 74).

– Hábito/mudança de hábito

As reflexões feitas no âmbito da categoria anteriormente exposta estão fortemente relacionadas com esta categoria. Aqui, pretendemos demonstrar como um hábito pode ser determinado, não a partir da experiência empírica, mas inculcados no indivíduo por influência externa, por exemplo, a partir de procedimentos padrão que devem ser adotados.

Catalogador

“Agora eu vou olhar todos os campos para ver se está de acordo com os padrões da UNESP, então algumas coisas a gente fez tanto que já decorou, né?”

“Isso eu faço com um roteirinho do lado, pois a gente esquece muito”

No trecho destacado é possível observar que o bibliotecário catalogador procura se apoiar em seus hábitos de agir, inclusive demonstrando insegurança quando não pode recorrer a um hábito previamente construído. Porém, também podemos notar o processo de construção de um hábito de forma indireta, não pelo exercício do pensamento individual, mas por meio de um procedimento padronizado para uma dada atividade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na cadeia de processos documentais realizados em unidades de informação, a representação do conteúdo de documentos reveste-se de importância essencial, dada a sua função de mediar a relação entre os usuários e a informação documental. A representação da informação, em outras palavras, objetiva que a informação possa ser corretamente recuperada, acessada e, por fim, utilizada. Esse entendimento confere importância cabal

aos estudos de leitura para indexação no âmbito da organização do conhecimento, buscando compreender as ações realizadas por profissionais de informação, em seu contexto social e cognitivo, a formação que possuem para realizar estas atividades e a sistematização da mesma, materializada em políticas de tratamento da informação e manuais de atuação.

As teorias filosóficas de Charles Sanders Peirce surgem nesse panorama como uma possibilidade para ampliar os horizontes teóricos da Ciência da Informação, em especial, da área denominada de organização da informação e do conhecimento.

O processo de indexação, em especial, constitui-se de interpretação e de representação, conceitos essenciais na teoria semiótica proposta por Peirce, o que leva a assegurar que o conhecimento de tal teoria ofereça aos indexadores uma perspectiva ampliada de sua atividade, de modo a compreendê-la melhor.

Para realizar a indexação é preciso que haja compreensão do texto abordado, sem a qual não se torna possível a identificação de conceitos de relevância presentes no texto, dessa forma, mesmo a leitura documental é um processo interpretativo e, portanto, onde ocorre semiose. O nível de compreensão, entretanto, dificilmente será aprofundado, permanecendo numa apreensão superficial, construindo interpretantes superficiais em relação ao objeto, dado a inexistência de experiência colateral com o Objeto Dinâmico do signo.

Ainda assim, é possível observar que a semiose não rumo sempre a um nível de interpretante mais desenvolvido, podendo caminhar a níveis menos desenvolvidos, no caso da indexação é necessário que assim seja para construção da informação documental. Há, portanto, uma perda quantitativa de significado, bem como uma perda qualitativa, passando de conteúdo simbólico, para um nível indicial, pois, a linguagem documental delimita o significado dos termos, de modo a torná-los unívocos.

O estudo da compreensão peirceana de hábito e mudança de hábitos também pode engrandecer e dar consistência aos estudos de leitura documental ao oferecer novas possibilidades de compreensão do contexto cognitivo do leitor profissional, permitindo que se ampliem as possibilida-

des de ensino desses procedimentos a indexadores iniciantes, bem como, em treinamentos para atualização profissional e/ou formação em serviço.

O uso da metodologia introspectiva do Protocolo Verbal Individual se mostrou relevante para observar os interesses deste estudo tendo explicitado fenômenos semióticos que possivelmente não poderiam ser observados por outras metodologias não introspectivas.

Como visto, as dificuldades encontradas para a análise de assunto são muitas e as possibilidades de alcançar um nível ideal de representação de assunto são limitadas pelas múltiplas possibilidades interpretativas presentes na relação leitor-texto. Entendemos, então, que a indexação deve estar fortemente embasada nas concepções orientada ao conteúdo e à demanda e a unidade de informação deve conhecer o seu público potencial, por meio de estudos de comunidades, estudos de usuários, análise de domínios e outros meios, de modo que possa estar o mais claro possível ao indexador quais são os interesses informacionais deste público.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C. C. ; FUJITA, M. S. L.; REIS, D. M. Peircean semiotics and subject indexing: contributions of speculative Grammar and pure logic. *Knowledge Organization*, v. 40, n. 4, p. 225-241, 2013.
- DAL' EVEDOVE, P. R.; ALMEIDA, C. C.; FUJITA, M. S. L. Interpretação de conceitos no processo de indexação: aspectos e reflexões semióticas. In: RIBEIRO, F; CERVEIRA, M. E. (Orgs.). *Informação elou conhecimento: as duas faces de Jano*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto - CETAC. MEDIA, 2013. p. 190-203.
- DUMONT, L. M. M. Os sentidos da leitura e a subjetividade. In: NAVES, M. M. L.; KURAMOTO, H. *Organização da informação: princípios e tendências*. Brasília-DF: Briquet de Lemos/Livros, 2006.
- FUJITA, M. S. L. A identificação de conceitos no processo de análise de assunto para indexação. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*. v. 1, n. 1, 2003.
- FUJITA, M. S. L. A leitura documentária na perspectiva de suas variáveis: leitor-texto-contexto. *Datagramazero*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, 2004. Disponível em: <http://dgz.org.br/ago04/F_I_art.htm>.

- FUJITA, M. S. L. A representação documentária no processo de indexação com o modelo de leitura documentária para textos científicos e livros: uma abordagem cognitiva com protocolo verbal. *Ponto de Acesso*, Salvador, v. 7, n. 1, p. 42-66, abr. 2013. Disponível em: <www.pontodeacesso.ici.ufba.br>.
- FUJITA, M. S. L.; NARDI, M. I. A.; FAGUNDES, S. A. A observação da leitura documentária por meio de Protocolo Verbal. In: RODRIGUES, G. M.; LOPES, I. L. (Orgs.). *Organização e representação do conhecimento na perspectiva da Ciência da Informação*. Brasília: Thesaurus, 2003. p. 141-178.
- HJØRLAND, B. Toward a theory of aboutness, subject, topicality, theme, domain, field, content... and relevance. *Journal of the American Society for Information Science and Technology*, v. 52, n. , 2001, 774-778.
- LANCASTER, F. W. *Indexação e resumos*. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.
- LARA, M. L. G. Algumas contribuições da semiologia e da semiótica para a análise das linguagens documentárias. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 22, n. 3, p. 223-226, set/dez. 1993.
- LARA, M. L. G. Linguagem documentária e terminologia. *Transinformação*, Campinas, v. 16, n. 3, p. 231-240, 2004.
- MAI, J-E. Semiotics and indexing: an analysis of the subject indexing process. *Journal of Documentation*. v. 57, n. 5, (September 2001), p. 591-522.
- MOURA, M. A. Leitor-bibliotecário: interpretação, memória e as contradições da subjetividade em processos de representação informacional. In: NAVES, M. M. L.; KURAMOTO, H. *Organização da informação: princípios e tendências*. Brasília-DF: Briquet de Lemos/Livros, 2006.
- NEVES, D. A. B. Leitura e metacognição: uma experiência em sala de aula. *Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, Florianópolis, v. 12, n. 24, p. 1-9, 2007.
- NEVES, D. A. B.; RAMALHO, F. A.; FIGUEIREDO, H. A. *O uso de estratégias metacognitivas pelos alunos de graduação do Curso de Biblioteconomia da Universidade Federal da Paraíba/Brasil*. In: Formación, investigación y mercado laboral en Información y Documentación en España y Portugal: Formação, investigação e mercado de trabalho em informação e documentação em Espanha e Portugal: [III Encuentro Ibérico de Docentes e Investigadores en Información y Documentación]. 2008. p. 329-338.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica e filosofia*. São Paulo: Cultrix, 1975.

PEIRCE, C. S. Uma visão do Pragmaticismo. In: FREGE, G.; PEIRCE, C. S. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

PEIRCE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

REDIGOLO, F. M. *O uso de linguagens documentárias por catalogadores de assunto em contexto de Bibliotecas Universitárias: uma abordagem sociocognitiva com protocolo verbal*. 2007. 87 f. Relatório parcial período de agosto a dezembro 2007; CNPq/PIBIC. Marília, 2007.

REDIGOLO, F. M.; ALMEIDA, C. C. Algumas contribuições da perspectiva filosófico-semiótica de Peirce para a análise de assunto. *DataGramZero*, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, jun. 2012.

REDÍGOLO, F. M.; FUJITA, M. S. L. A leitura profissional do catalogador e seu papel como mediadora da informação. *Informação e Informação*, Londrina, v. 20, n. 3, p. 356 - 376, set./dez. 2015.

SILVEIRA, L. F. B. *Curso de semiótica geral*. São Paulo: Quartier Latin, 2007.

SOUZA, B. P.; ALMEIDA, C.C. de. Um olhar semiótico sobre o processo de indexação: a questão da representação e do referente. *Informação & Sociedade: Estudos*, João Pessoa, v. 22, n.2, p. 23-34, (maio/ago. 2012).

TARTAROTTI, R. C. D.; DAL'EVEDOVE, P. R.; FUJITA, M. S. L. Protocolo Verbal em Grupo e a pesquisa brasileira em Organização e Representação do Conhecimento. *Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação*, v. 22, n. 48, p. 41-58, jan./abr., 2017.